

Mercado para candidatos a cargos de direção cresce 29% no ano; profissionais voltam às empresas com salários maiores

Por seis meses, Ricardo Mayrinck Pereira, 42, executivo da área financeira, viveu de "terceirização" -prestou serviço na área de informática. Foi a opção encontrada após ficar desempregado de fevereiro a outubro de 2003.

Em abril deste ano, voltou a trabalhar com carteira assinada. A convite da multinacional Storagetec, empresa de armazenamento de dados, aceitou o cargo de diretor financeiro por um salário anual de R\$ 400 mil -ou R\$ 33 mil por mês-, fora benefícios.

Demitido em junho de uma companhia do setor de tintas, o executivo Paulo Sérgio Geraldo, 41, teve quatro ofertas para ocupar cargos de direção.

Optou pela empresa Saint-Gobain Abrasivos, onde começou a trabalhar como diretor mundial de compras na última segunda-feira. O salário, mantido em sigilo, é 10% maior do que o anterior. "Vou cuidar de um setor que movimenta R\$ 400 milhões por ano."

As histórias desses profissionais revelam a recuperação do mercado de trabalho de executivos. De janeiro a julho deste ano, a oferta de vagas para executivos de nível de gerência ou direção subiu 29% na comparação com igual período do ano passado. Levantamento da Laerte Cordeiro Consultoria em Recursos Humanos, a partir de anúncios de jornais de São Paulo, mostra que nos primeiros sete meses deste ano foram ofertadas 908 vagas. No mesmo período do ano passado foram 704. "Os executivos voltaram a ser procurados, como reflexo da retomada de alguns setores da economia", diz Laerte Cordeiro, diretor-presidente.

Quem se recolocou no mercado está ganhando até mais. "O aumento salarial foi, em média, de 12% a 20%. Há casos de profissionais que conseguiram elevar em até 40% o salário mensal", afirma Gutemberg B. de Macedo, da Gutemberg Consultores.

Neste ano, a consultoria já recolocou 57 executivos em empresas de várias atividades. A expectativa é que esse número passe de cem neste ano. Em 2003, foram 79. "A procura por executivos aumentou 56% neste ano em relação ao ano passado", afirma Iêda Novais, sócia-diretora da Mariaca & Associates, especializada em recolocação de executivos.

"O nosso faturamento dobrou neste ano em relação ao ano passado", diz Guilherme Dale, consultor sênior da Spencer Stuart, consultoria de recrutamento de executivos e conselheiros. "Dos 62 executivos com quem trabalhei nos últimos oito meses na área de "coaching" [orientação, treinamento e plano de carreira], a maioria já se recolocou, e muito bem, no mercado de trabalho", afirma José Carlos Figueiredo, consultor da Catho, especializada em recursos humanos.

Os profissionais mais procurados, segundo o levantamento da Laerte Cordeiro, são, por ordem, os de marketing, vendas, produção, finanças e de tecnologia da informação.

Quem mais demanda esses profissionais são: indústrias, empresas de serviços, comércio e instituições financeiras.

"A área de exportação ficou congelada de 1994 até 2003. Só em meados do ano passado, os profissionais desse setor começaram a sair da geladeira", diz Gerson Correia, consultor da DBM.

R\$ 1 MILHÃO

A procura por executivos começou a aquecer, segundo nove empresas especializadas em recursos humanos, no primeiro trimestre deste ano, após uma crise de quase um ano e meio que atingiu em cheio o alto escalão das empresas. Um dos piores momentos foi entre março e outubro do ano passado, quando a economia se retraiu.

"Durante um bom tempo, telecomunicação era uma palavra feia. De repente, como em um estalo, as operadoras de telefonia e as companhias que trabalham com infra-estrutura para esse setor voltaram a procurar executivos. Estamos atrás de profissional de R\$ 1 milhão por ano", diz David Ivy, vice-presidente da Korn Ferry, empresa de recrutamento.

No ano passado, segundo informa, os salários dos executivos não passavam de R\$ 650 mil por ano, e não havia muitas oportunidades como as que surgiram neste ano. "Para ter idéia da melhora, basta dizer que negociamos bônus de US\$ 1 milhão, pago em suaves prestações, só para um executivo de telecomunicação sair da empresa em que estava", diz Ivy. A Korn Ferry tem vagas de R\$ 60 mil/mês, mais bônus atrelado a performance e outros benefícios.

MAIS TALENTOS

A Simon Franco Recursos Humanos, que presta serviços às empresas na área de RH, informa que o mercado para executivos reagiu, mas a procura é por profissionais cada vez mais talentosos. "Esse mercado está mais seletivo.

Para os profissionais diferenciados, há sempre emprego", afirma o "headhunter" Simon Franco, presidente da Simon Franco.

Celso Pegorim, 49, diretor de RH da Iob-Thomson, empresa de publicações, foi contratado há 60 dias, depois de trabalhar por quase dois meses como consultor. "Voltei para o mundo corporativo. O mercado de consultorias independentes está abarrotado", afirma. "O salário não sofreu grandes mudanças, mas os benefícios compensam", afirma.

Busca por vaga leva menos tempo

Um dos sinais de recuperação no mercado de trabalho dos executivos é a diminuição no tempo que esses profissionais levam para encontrar uma vaga.

Levantamento da empresa Lens & Minarelli mostra que, no mês passado, os executivos gastavam 6,3 meses para achar emprego. De janeiro a junho deste ano, a média era de aproximadamente 8 meses.

Em julho, o tempo gasto para se recolocar no mercado foi menor do que no ano passado, quando a média era de 6,6 meses. Mais ainda está abaixo do tempo médio dos anos 2000 (5,2 meses), 2001 (5,4 meses) e 2002 (5,7 meses).

"Essa redução é um sinal da melhora do emprego para os altos executivos", diz Mariá Giuliese, diretora-executiva da Lens & Minarelli, empresa que cuida de executivos em transição de carreira.

Na Gutemberg Consultores, o tempo médio neste ano é de 3,2 meses, enquanto em 2003 era de 3,5 meses. "O tempo ainda é inferior ao do ano 2002, quando se levavam 2,5 meses para que o profissional retornasse ao mercado", diz Gutemberg B. de Macedo.

O executivo Paulo Sérgio Geraldo, 41, diz que havia se preparado para ficar seis meses fora do mercado, após ser demitido de uma empresa do ramo químico. "Nunca havia sido demitido. Fiquei inseguro e imaginei que fosse ficar desempregado por um período mais longo. Mas, desde junho, fui chamado para o processo de seleção de quatro empresas. Há uma semana estou em treinamento na empresa em que escolhi para trabalhar", afirma o diretor da Saint-Gobain Abrasivos.

DICAS

Para quem quer aproveitar as oportunidades desse mercado, especialistas de nove empresas consultados pela Folha recomendam principalmente intensificar e ampliar a rede de contatos e enviar currículos para as empresas em que quer trabalhar. O profissional também deve ser flexível, estar aberto e disposto a encarar mudanças e participar de congressos, seminários e cursos de atualização profissional.

Vale ainda escrever artigos para publicações especializadas, dar aulas e filiar-se a associações e entidades ligadas ao setores em que atua.

"Houve uma popularização dos cursos de MBA [Master in Business Administration]. Mesmo quem tem especialização ficou desempregado nos últimos anos. Na minha avaliação, o mercado melhorou. Mas as contratações ainda são pontuais", afirma Gerson Correia, consultor de recursos humanos da DBM.

"Tenho dois amigos especializados no setor financeiro que ainda estão sem emprego", afirma Ricardo Mayrinck Pereira, recém-contratado pela Storagetec.

Os consultores dizem ainda que o que motiva a troca de emprego nesse mercado, além da chance de ganhar mais, é a opção por condições melhores de vida.

É o caso de Luciana Sanna Gherpelli, 38, que saiu de uma companhia de agronegócios de São Paulo para implementar e coordenar o setor de tesouraria do grupo Maggi. Ao trocar o eixo Rio-São Paulo por uma vaga no Mato Grosso, diz que optou em ter qualidade de vida. "Minha família é minha prioridade. Não adianta ganhar dinheiro e sequer ter tempo para gastá-lo", afirma.